

## O “ESPAÇO LITERÁRIO DIASPÓRICO” NAS ESCRITAS DE SIMONE WEIL E ETTY HILLESUM

Carolina Cavalcanti Bezerra <sup>1</sup>  
Maria Simone Nogueira Marinho <sup>2</sup>

### RESUMO

Esta comunicação apresentará referenciais teóricos literários que ofereçam novos vieses à pesquisa de doutorado em Literatura e Interculturalidade que tem como personagens a judia francesa Simone Weil (1909-1943) e a judia holandesa Etty Hillseum (1914-1943). Ambas escreveram, durante suas curtas vidas, cartas e diários que vem sendo ao longo do final do século XX e início do XXI, estudados em programas de pós-graduação e publicados em seus países de origem e também no Brasil. Partiremos da contextualização do gênero narrativo (carta/diário), que traz consigo um forte caráter memorialístico, bem como toda a subjetividade característica da “escrita de si” e da literatura testemunhal. Serão aporte teórico Foucault (1996) e a escrita autobiográfica; sobre as questões que envolvem a escrita de mulheres dialogaremos com Bingemer (2004, 2011) e nas discussões que envolvem a escrita de si e as subjetividades com Rago (2014). Com Gagnebin (2006) e Seligmann-Silva (2010) discutiremos a literatura testemunhal e a consequente construção da memória. Em um segundo momento, desenvolveremos nossa escrita apresentando o conceito de “espaço diaspórico literário” (BRAGA, 2014, 2019), o aproximando de Weil e Hillesum a partir da tríade que sustenta a teoria da diáspora: exílio, sofrimento e redenção (KENNY, 2013).

**Palavras-chave:** Escrita de si, Espaço Diaspórico Literário, Simone Weil, Etty Hillseum.

### INTRODUÇÃO

A proposta desta comunicação é apresentar as leituras iniciais que perpassaram o primeiro ano de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), cuja pesquisa tem como interlocutoras as autoras Simone Weil e Etty Hillesum, além de algumas de suas obras; mais especificamente suas produções textuais representadas pelos gêneros narrativos cartas e diários.

Para tanto, é prudente que nossos leitores conheçam um pouco as autoras mencionadas e as obras postas à análise inicial, para que se entenda a importância destes trabalhos no mundo e também nos espaços acadêmicos. Dito isso, apresentamos a seguir nossas autoras.

Simone Weil (1909-1943) foi uma judia francesa, filósofa, professora e operária; morreu aos 34 anos “devido à fraqueza resultante do jejum em solidariedade com as vítimas

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [carol.cavalcanti.bezerra@gmail.com](mailto:carol.cavalcanti.bezerra@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [mar.simonem@gmail.com](mailto:mar.simonem@gmail.com).

da guerra” (BINGEMER, 2004, p. 218). Lutou na Guerra Civil Espanhola e foi voluntária nas vindimas francesas onde respectivamente pode vivenciar os ardores de uma guerra e saber como viviam e trabalhavam os agricultores para poder escrever sobre suas vivências. Simone Weil foi assim descrita por Simone de Beauvoir:

Enquanto ela se preparava para a Escola Normal, cursava na Sorbonne os mesmos cursos que eu. Instigava-me por sua **inteligência** de grande reputação e por seu modo estranho de se vestir; perambulava pelo pátio da Sorbonne escoltada por um bando de antigos alunos de Alain; [...] A fome devastava a China e tinham contado que ao saber dessa desgraça, ela chorara: essas lágrimas, mais do que seus dons filosóficos, forçaram meu respeito. Eu invejava um **coração** capaz de bater através do universo inteiro. [...]. (BEAUVOIR, 2009, p. 182, grifo nosso).

A também filósofa francesa nutria grande estima pela pessoa de Weil e sua bondade, mas também por suas qualidades enquanto filósofa. Beauvoir (2009, p. 186) afirma em um de seus livros: “tive êxito nos exames de filosofia geral. Simone Weil era a primeira, eu a seguia de perto à frente de um normalista chamado Jean Pradelle”. Weil era admirável em todos os aspectos: por sua inteligência e por seu coração.

Etty Hillesum (1914-1943), judia alemã que morreu no campo de concentração de Auschwitz aos 29 anos formou-se em Direito, profissão que pouco exerceu, e em Línguas Eslavas. Dava aulas. Quando os alemães invadiram os Países Baixos foi trabalhar no Conselho Judaico e posteriormente voluntariou-se para ajudar no campo de trânsito de Westerbork<sup>3</sup> em Amsterdã; de onde mais tarde foi deportada e morta. Maria Clara Bingemer (2004, p. 236) considera-a “uma verdadeira mística, com uma profunda experiência de Deus, marcada por extrema originalidade”:

Permanecer no amor e lutar com a impotência de odiar passa a ser, para Etty, um trabalho de cada dia e cada momento. Sua intimidade e união crescentes com Deus do Amor e da Vida a vão iluminando nessa difícil trajetória de amar em meio ao mundo onde o ódio parece que tem a última palavra. Em suma, de ser sempre e cada vez mais humana, ali onde a humanidade se desumaniza a passos crescentes. (BINGEMER, 2004, p. 248).

Para Bingemer (2004), Etty Hillesum ao buscar o Deus do Amor e da Vida frente ao caos da desumanização diária do campo de Westerbork, ilumina-se como uma verdadeira alma bondosa à frente de seu tempo; o que para muitos a coloca, dentre outras coisas, como uma mística.

---

<sup>3</sup> Instalado a quinze quilômetros da vila de Westerbork, nos Países Baixos, foi inaugurado no ano de 1939 pelos próprios holandeses para receber refugiados judeus que vinham da Alemanha. Era considerado um campo de trânsito e última parada antes do campo de concentração e e extermínio de Auschwitz. Além de Etty, passaram por Westerbork Anne Frank (seu livro O Diário de Anne Frank é um dos livros mais vendidos no mundo) e Edith Stein (filósofa e católica convertida, de origem judaica).

Seguindo nosso raciocínio, apresentamos brevemente as obras analisadas. Por Simone Weil, o compêndio de cartas publicado em *Espera de Deus: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942* (2019) reúne cartas, mas também alguns ensaios, que vão tratar de um assunto caro à filósofa: Deus e a questão do batismo em sua vida.

*Cartas 1941-1943* (2009) de Etty Hillesum está dividido em quatro partes: *Cartas de Etty Hillesum*, *Cartas a Etty Hillesum*, *Cartas sobre Etty Hillesum* e *Cartas posteriormente encontradas*. Nos concentramos neste momento nas *Cartas de Etty Hillesum*, escritas no período que já estava trabalhando no Conselho Judaico e posteriormente quando se transfere voluntariamente para Westerbork. As cartas são escritas por Etty de fora, mas também de dentro do campo de transição; em momentos em que está apenas de passagem e leva correspondências e mantimentos, mas também quando fica em definitivo e de lá começa a retratar o terror de seus dias: Etty busca em Deus o amor em si, mas também para seus algozes.

Sobre a síntese metodológica destacamos apenas que, como se trata de uma pesquisa inicial, estamos na fase do levantamento bibliográfico pertinente à linha de pesquisa do doutorado ao qual a pesquisa está inserida (*Literatura, Memória e Estudos Culturais*), bem como das leituras que devem embasar as primeiras análises e direcionamento do corpo da tese.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Conforme proposto, inicialmente introduziremos o gênero narrativo onde se inserem as cartas e diários e que tem como forte marca o caráter memorialístico, pois as obras e suas autoras servem de testemunho de um tempo para um novo tempo. Cartas e diários são considerados “escritas de si”, de autoria feminina, por serem uma forma de expressão de resistência e sobrevivência das mulheres autoras (RAGO, 2014).

A “escrita de si” revela a constituição de um sujeito que se expressa, o mundo que o cerca e o outro com o qual este sujeito se relaciona, extrapolando, assim, o plano da mera subjetividade e constituindo-se como um testemunho existencial do ser no mundo e com o mundo.

O caráter testemunhal da “escrita de si” que dá a oportunidade do olhar para o que se vivencia tem um forte caráter confessional, este sim questionável sobre a veracidade dos fatos narrados, porém “na ‘escrita de si’ por sua vez, vemos atuar um testemunho mais curricular do que visual e espetacular. Em vez da lógica falocêntrica do acúmulo de provas” como é

característica da escrita autobiográfica (e mais masculina), “predomina o trabalho mais sutil da reconstrução do sujeito e de sua rede de relações” (RAGO, 2014, p. 16).

Dito isso, o leitor deve ser um sujeito interessado não somente na obra e no autor, mas no que acontece no tempo da história contada; pois a “escrita de si” - das cartas e diários - dá a oportunidade de se conhecer os fatos a partir do olhar de quem os vivenciou (FOUCAULT, 1996).

Tal subjetividade é encontrada na Literatura de Testemunho e em nossas autoras quando:

O testemunho e o diário são dispositivos que surgem na literatura dentro deste embate entre este **EU** moderno e o Mundo, Testemunho e diário são marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareição. Este indivíduo precisa se apegar a um **EU** que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para sua insignificância. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 7, grifo nosso).

Estes contrastes de personagens e cenas, entre passado e presente, entre escritoras e leitores que identificamos nas obras de Weil e Hillesum e a partir delas, sustentam não somente o ser subjetivo posto em qualquer que seja sua função no texto: aquele que relata, a personagem ou ainda os que interpretam a leitura com olhares próprios. Este EU moderno que busca algo, também somos nós, aqui e agora, a interpretar tais relações. Tal caráter interpretativo (e obviamente subjetivo), é o que aproxima as autoras e suas obras de algo caro a nossa pesquisa: quando a filosofia se torna literatura e esta memória.

Sobre isso vale recordar que Simone Weil foi uma filósofa que nos deixou um vasto acervo de documentos muito pouco explorados mas instigantes, enquanto Etty Hillesum tem em seus escritos uma proximidade grande com a filosofia mística, como já apontado anteriormente por Bingemer (2011). Sendo assim, as premissas filosóficas presentes nos textos de ambas e que poderiam trazer “uma abordagem bastante comum da problemática filosofia/literatura” que “consiste em analisar a presença de teorias ou de doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou de um poeta” o que para leitores leigos ou desatentos poderia passar despercebido, para nós enquanto pesquisadoras interessam na medida que fazem parte de um constructo reflexivo e memorialístico; e que podem de “conteúdos filosóficos” se tornarem “conteúdos literários” (GAGNEBIN, 2006, p. 201).

Outra temática que vem se aproximando muito de nossos estudos neste momento é o conceito de diáspora, que dentre algumas características determinantes estão o processo de dispersão de um povo de forma forçada, à construção da memória e “uma forte consciência de grupo étnico”. Esta dispersão apontada traz consigo o surgimento da figura do “sujeito

diaspórico” (BRAGA, 2014, p. 82-84). Sujeitos facilmente encontrados nas obras de Simone Weil e Etty Hillesum e espaços literários diaspóricos que estão intimamente ligados por um lado aos termos mobilidade, dispersão e memória coletiva e por outro, do exílio, sofrimento e redenção.

Conforme a Teoria da Diáspora, o sujeito diaspórico encontrado nas “experiências de genocídio por que passaram no século XX” o povo judeu e que justificam “o termo ‘sofrimento’ na base da explicação daquilo que venha a ser um fenômeno diaspórico” (KENNY, 2013 *apud* BRAGA, 2019, p. 81), são personagens nas obras de Weil e Hillesum que foram deslocados de seus lares e de suas vidas para campos de concentração e extermínio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nos parece pertinente ponderar sobre algumas questões postas até o momento e que se referem especificamente ao referencial teórico. Primeiramente, a “escrita de si” presente nas cartas e diários de Weil e Hillesum, reflete a intensidade e a preocupação que as autoras tem com os temas abordados e mais ainda com os sujeitos partícipes dos relatos. Este olhar apurado e detalhado para o Outro é característica da escrita de nossas autoras e reforça a importância e o papel da produção literária feminina na construção da memória; ao mesmo tempo que colabora e ajuda na reconstituição dos sujeitos e de suas relações.

Por outro lado, notamos a possibilidade de aproximação entre os conceitos de “literatura de testemunho” e de “sujeitos diaspóricos”. Nossos “espaços literários diaspóricos” agregam as falas, movimentos, perdas, dores e a invisibilidade dos sujeitos que serão personificados pelos leitores de Weil e Hillesum. Nos parece fácil relacionar ambos os conceitos e encontrá-los nos relatos e nas reflexões que remetem ao exílio, sofrimento e redenção; inclusive de Simone Weil e Etty Hillesum.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cartas e diários se apresentam como fontes inesgotáveis de conhecimento. Dependendo do viés abordado pelo pesquisador o olhar se direciona para questões históricas, testemunhais e memorialísticas. Ou ainda para questões mais subjetivas, como o sofrimento presente na “escrita de si” e as possíveis consequências para os leitores. Consequências aqui não físicas ou mentais, mas sim de caráter formador, educativo. Rememoração. Não esquecimento.

Quando apontamos que cartas e diários (“escrita de si”) são espaços literários diaspóricos, entendemos que há em nosso escopo de pesquisa a presença de vários elementos que os caracterizam: mobilidade e dispersão (deslocamento do povo judeu para os campos de concentração), a importância da memória coletiva (fortalecimento de uma cultura que está sendo dizimada), exílio (daqueles que são expulsos), sofrimento (flagelo e morte) entre outros.

Um dos pontos desta pesquisa de doutoramento, busca compreender como os relatos presentes nos diários e nas cartas de Simone Weil e Etty Hillesum, apresentam e caracterizam a literatura de testemunho, a partir da construção de uma “escrita de si” que se constrói por meio da memória. Comparar as obras das autoras buscando compreender como se dão as aproximações das temáticas desenvolvidas, são para nós enredos memorialísticos. Cremos ainda que a partir das temáticas apresentadas neste artigo e o desenvolvimento das leituras sobre fenômenos diaspóricos na literatura em comunhão com os demais aspectos históricos e literários das obras em questão, encaminharemos a pesquisa para um patamar mais próximo de nossos objetivos.

Faz-se obviamente necessária a exploração de todos os aspectos mais profundamente, para que lacunas existentes em pesquisas anteriores, possam ser contempladas com esta pesquisa e outras que virão.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **Memórias de uma moça bem-comportada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BINGEMER, M. C. **A argila e o espírito**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. Mística e profecia no feminino: nota para ler algumas místicas contemporâneas. In: **RHEMA** - Revista de Filosofia e Teologia, v.15, n.48 50, p.149 180, jan./dez. 2011 Edição Unificada.

BRAGA, C.R.V. Literatura e diáspora. In: **A literatura movente de Chimamanda Adiche: póscolonialidade, descolonização cultural e diáspora** [online]. Brasília: Editora UnB, 2019. pp. 79 137.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129-160.

GAGNEBIN, J.M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HILLESUM, E. **Cartas** (1941-1943). Tradução de Ana Duarte e Patrícia Couto. Lisboa:

Assírio & Alvim, 2009.

KENNY, K. **Diaspora**: a very short introduction. Londres: Oxford University Press, 2013.

RAGO, M. **Aventura de contar-se**: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SELIGMANN-SILVA, M. O Local do Testemunho. **Argumento** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, v.2, n.1, p.3 20, jan /jun.

WEIL, S. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019.